

# Diálogo com empresas começa 2ª

314  
A idéia é discutir uma forma ordenada de reajuste de preços por setores

ROLF KUNTZ

As novas conversas do ministro da Fazenda com os empresários começarão pelos setores industriais livres de controle do Conselho Interministerial de Preços (CIP), segundo informou ontem em São Paulo, o assessor especial do ministério, Cláudio Adilson Gonçalves. Os primeiros encontros, acrescentou, deverão ocorrer já a partir de segunda-feira.

Os contatos serão feitos com os empresários mais representativos de cada setor e não com dirigentes de entidades, como na época do pacto social tentado no final de 1988, disse o economista.

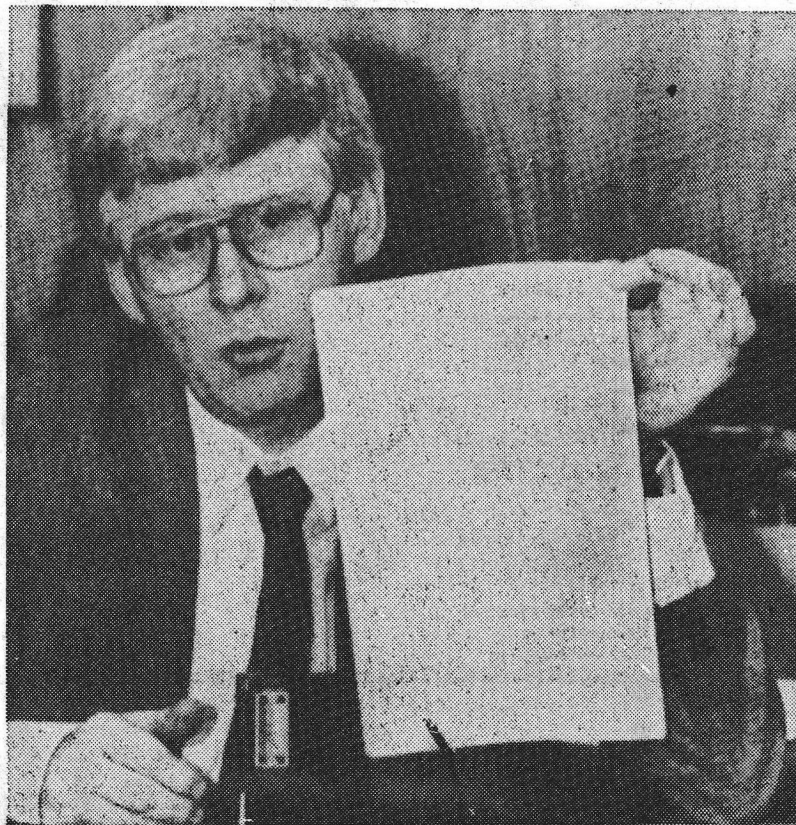
A idéia, informou, é reunir empresários ligados à mesma cadeia, de produção (fabricantes de fios, de tecidos e de roupas, por exemplo) para discutir "uma forma ordenada" de correção de preços. O objetivo é limitar os reajustes aos níveis necessários para a cobertura dos novos custos, disse Gonçalves.

O ministro, de acordo com o assessor, tentará mostrar aos empresários a inutilidade de aumentos "defensivos" numa economia altamente indexada. O que se ganha hoje com a antecipação de um aumento é perdido pouco depois, argumentou.

Não se pretende negociar novos redutores, isto é, tetos de reajustes abaixo da inflação passada. "A economia brasileira não pode ter muita marola", disse Gonçalves.

Sem confirmar diretamente se o governo vai segurar os reajustes de preços e tarifas do setor público, Gonçalves disse que a maior parte da inflação necessária ao realinhamento já está realizada, com boa recuperação especialmente para os setores siderúrgico e elétrico.

Em relação ao setor privado, o objetivo do governo não é



Protácio Nêne/AE — 21/6/89

Gonçalves: "A economia brasileira não pode ter muita marola"

dar um aperto, disse o assessor, rejeitando essa interpretação "policialesca". "Mas não é por estarmos no fim do mandato presidencial que o governo vai fazer corpo-mole no combate à inflação", ressaltou.

A maior parte da inflação de setembro, na sua interpretação, pode ser explicada por aumentos defensivos. Anteontem, dirigentes de uma "importante rede de supermercados" de São Paulo lhe falaram numa indústria de alimentos que, uma semana depois de haver enviado uma lista de preços com remarcações de 35%, mandou outra com mais 55% de acréscimos. No intervalo, segundo Gonçalves, tinha simplesmente ocorrido uma onda de boatos. A segunda lista, acrescentou, foi recusada.

## TRÊS VERTENTES

A nova estratégia de combate à inflação terá três vertentes informou Gonçalves. Em primeiro lugar, o governo deverá man-

ter a política de juros altos para controlar a expansão monetária. Em segundo, tentará a "ação direta, corpo a corpo", com o ministro da Fazenda discutindo com empresários dos vários setores. Em terceiro, tentará manter sob controle as contas públicas, dentro dos padrões seguidos até agora (desembolsos comandados pela Secretaria do Tesouro Nacional e limitação das emissões de novos títulos da dívida pública).

Em outubro, afirmou Gonçalves, não se lançará um centavo de títulos além do volume necessário para a rolagem do principal da dívida pública. Os juros serão pagos com recursos arrecadados ou com as disponibilidades do Tesouro no Banco Central.

## SÓ UM PROBLEMA

A economia brasileira vai bem a não ser pela inflação, disse Gonçalves. A indústria cresce, o consumo é superior ao desejável, embora não explosivo, as reser-

## Assessores iniciam o contra-ataque

A reação do governo ao salto da inflação e à onda de boatos começou com uma incursão pelos mercados financeiros e de capitais. Fechados numa sala da Bolsa Mercantil e de Futuros, em São Paulo; ontem, o assessor especial do Ministério da Fazenda, Cláudio Adilson Gonçalves, e o chefe de operações internacionais do Banco Central, Emilio Garófalo, tentaram afastar os temores de congelamento de preços, choque econômico de qualquer tipo ou alteração abrupta da taxa de câmbio. Um dos participantes do encontro disse que os dois técnicos procuraram transmitir a impressão de que apenas se tentará levar a economia sem hiperinflação até depois das eleições, sem medidas de caráter espetacular. Os juros serão mantidos acima da inflação, segundo Cláudio Adilson, e a cada mês o Banco Central tentará antecipar-se à taxa estimada, garantindo o ganho real aos aplicadores. Garófalo acusou os operadores do mercado de ouro de só saber trabalhar em alta e garantiu não haver escutado uma só justificativa econômica para os últimos aumentos.

vas cambiais estão em nível "excelente" e o superávit comercial deste ano deverá ultrapassar US\$ 16 bilhões.

Apesar do bom nível de consumo, acrescentou, não se pode atribuir ao aquecimento da demanda o salto da inflação no último mês. Os dados mais recentes da Federação do Comércio, argumentou Gonçalves, indicaram vendas pouco mais de 1% superiores às de agosto do ano passado. O governo terá, portanto, de atuar mais uma vez sobre a expectativa das pessoas e nisso consistirá a essência do trabalho a ser desenvolvido a partir de segunda-feira.